

A Escola: Berço da Democracia e da Cultura Humana

written by José Paulo Santos | 31 de Outubro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos



Viver em diferentes países é aprender a escutar o mundo em várias línguas. É descobrir que os gestos, os silêncios e os olhares carregam histórias que atravessam fronteiras. Foi nesse percurso que compreendi que, acima de tudo, é na escola que se semeia a mais elevada dignidade humana. É ali que se aprende a viver em comunidade, a respeitar o outro, a construir pontes e não muros. A escola é, por excelência, o lugar onde se ensaia a democracia desde tenra idade. Talvez por isso me sinta sensível e confiante na qualidade de Mediador Linguístico e Cultural.

A cultura escolar, como defende Forquin (2004), não deve limitar-se às fronteiras nacionais. Deve ser uma cultura humana, universal, que transcende os patrimónios locais e acolhe a diversidade como riqueza. Esta visão é

particularmente urgente num tempo em que as salas de aula se tornaram espelhos do mundo, onde crianças e jovens, de origens distintas, partilham o mesmo espaço, os mesmos cadernos, os mesmo professores, os mesmos sonhos.

A escola não pode ser apenas transmissora de conteúdos. Ela é também mediadora de culturas. Como sublinha Bantigny (2008), a cultura escolar é simultaneamente herança e criação: transmite saberes, mas também produz normas e referências próprias. É neste equilíbrio entre tradição e inovação que reside o seu poder transformador.

O aluno que chega pela primeira vez a uma escola num país estrangeiro não traz apenas uma mochila às costas. Traz consigo um universo cultural, uma forma de ver o mundo, de aprender, de se relacionar. Cabe ao professor – esse mediador silencioso e discreto – encontrar formas de fazer dialogar com patrimónios distintos, de integrar sem apagar, de orientar sem impor.

A cultura escolar é também feita de regras, de rotinas, de códigos implícitos. Para muitos alunos imigrantes, até o “ofício de aluno” pode ser novo. Aprender a estar, a participar, a colaborar, é parte do processo de integração. E é nesse quotidiano que se constrói a verdadeira cidadania.

A escola, quando fiel à sua missão, não é apenas um lugar de instrução. É um espaço de encontro, de escuta, de construção coletiva. É ali que se aprende a respeitar o outro, a valorizar a diferença, a exercer a liberdade com responsabilidade. É ali que se ensina, com gestos e palavras, que todos têm lugar, que todos contam. Todos, sem exceção, contam!

Num mundo marcado por desigualdades e exclusões, a escola pode – e deve – ser o primeiro território de justiça. Porque educar é, acima de tudo, um ato político. E a cultura escolar, quando enraizada na dignidade humana, é o mais poderoso instrumento

de transformação social.